

COMUNICAÇÃO EFETIVA COM OS TUTORES PARA MELHORA DA ADESÃO DAS PRESCRIÇÕES NUTRICIONAIS - REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO - Nos últimos anos a nutrição de cães e gatos avançou em virtude de muitos estudos científicos na área. No qual, foram estabelecidas condutas frente as necessidades nutricionais nas diferentes espécies e fases de vida, assim como o uso de dietas coadjuvantes ao tratamento de doenças. No entanto, alguns insucessos no tratamento nutricional vêm sendo apontados, em virtude da falta de assiduidade dos tutores às prescrições do médico-veterinário. Dessa forma, a comunicação do profissional com o tutor é essencial para que se tenha maior adesão a prescrição nutricional proposta e como consequência sucesso no tratamento. A compreensão dos fatores que dificultam a adesão as prescrições dietéticas auxiliam na busca de alternativas para a resolução do problema. A abordagem correta depende do médico-veterinário que, deve estar preparado para orientar o tutor da melhor forma, tirar dúvidas, ser empático e também deve ouvir as possíveis dificuldades e auxiliá-lo propondo alternativas. Dessa forma, essa revisão de literatura tem por objetivo elencar métodos e atitudes a serem tomadas pelo médico-veterinário para melhorar a adesão dos tutores as prescrições nutricionais.

Palavras chave: abordagem, assiduidade nutrição, cão, gato

INTRODUÇÃO

A nutrição dos *pets* evoluiu nas últimas décadas, antes muitos tutores forneciam sobras de alimentos e poucos produtos comerciais estavam disponíveis para a compra. A alimentação tinha apenas por objetivo suprir as necessidades energéticas do animal (THOMPSON, 2008; GRANDJEAN, 2006).

Em meados dos anos 90, inúmeros estudos sobre nutrição de cães e gatos foram realizados, e com isso novos conceitos foram estabelecidos como o uso da nutrição para melhora e manutenção da saúde animal. Com isso, a indústria de *Pet food* começou a se adequar e produzir maior quantidade de alimentos balanceados e de qualidade específicos para raças e idade, por exemplo (GRANDJEAN, 2006; KRAFT, 1998). O uso de alimentos adequados para as individualidades dos *pets* possui diversos benefícios: manter a qualidade de vida dos animais; aumentar a expectativa de vida; corrigir deficiências nutricionais; além de prevenir e atuar como coadjuvante no tratamento de doenças como cardiomiopatias, hipersensibilidade alimentar, doença renal crônica, obesidade e urolitíases (MICHEL et al., 2008; BALDWIN et al., 2010).

Nos dias atuais, segundo a Associação Brasileira da Indústria de produtos para animais de estimação (ABINPET, 2018), a população de cães do Brasil é compreendida por 54,2 milhões de animais e 23,9 milhões de gatos. E o mercado *Pet* brasileiro fatura 20,3 bilhões de reais anuais, sendo 73,9% oriundos da *Pet food*.

Em virtude da diversidade de produtos destinados ao bem-estar de cães e gatos, os médicos-veterinários devem estar aptos para a escolha adequada do manejo dietético para o animal. Para se assegurar de que sua prescrição seja seguida adequadamente, é função do profissional se comunicar corretamente com o tutor de forma que esse entenda a importância de se realizar a dieta e os impactos positivos na saúde de seu animal (MICHEL et al., 2008).

Apesar da importância de se seguir corretamente a prescrição nutricional, muitos tutores não a fazem. Dessa forma, o objetivo dessa revisão de literatura é identificar os fatores que levam os tutores a não serem assíduos às prescrições

dietéticas e abordar planos de ação para tais situações.

DESENVOLVIMENTO

Segundo a World Small Animal Veterinary Association, WSAVA (2011), a avaliação nutricional é de extrema importância para alcançar o maior nível de cuidados com a saúde. Sendo esta considerada como um quinto sinal vital a ser avaliado com os outros sinais como: temperatura; pulso; respiração e avaliação da dor durante o exame físico. Além disso, a nutrição de *pets* está cada vez mais presente na rotina clínica, uma vez que além de suprir as necessidades energéticas pode ser utilizada para o tratamento de animais doentes, sendo tão importante quanto qualquer outro tratamento medicamentoso pois, promove qualidade de vida e evita a progressão clínica da doença (MICHEL et al., 2008; PIERRI et al., 2015; WSAVA 2011).

Para que o médico-veterinário realize prescrições adequadas, os mesmos devem se basear no *National Research Council* (NRC, 2006) e/ou *European Pet Food Industry* (FEDIAF, 2019). Nesses guias estão apresentadas as necessidades nutricionais dos cães e gatos e equações para se determinar a quantidade calórica dos animais, que são baseados em fatores associados ao animal como idade, fase reprodutiva e grau de atividade física praticado.

Os tutores de animais domésticos são responsáveis pela escolha da dieta a ser fornecida aos seus animais. Essas escolhas, seja ela dieta comercial ou não convencional, são baseadas em diversos fatores incluindo suas crenças e conhecimentos sobre nutrição animal, condições socioeconômicas, estilo de vida e fontes de informação externas como conhecidos e internet. Porém, muitas dessas fontes podem não ser confiáveis predispondo à riscos na saúde do animal (MICHEL et al., 2008).

A comunicação eficaz entre médico-veterinário e tutor eleva os resultados do atendimento e tratamento de maneira muito significativa (KURTZ, 2018). Ademais, é essencial que o tutor compreenda a importância de aderir a prescrição e os riscos envolvidos em sua não realização (MICHEL et al., 2008; CAIRNS-HAYLOR; FORDYCE, 2017). Dessa forma, o médico-veterinário é considerado fonte de informação principal ao tutor, devendo sanar dúvidas e indicar fontes de confiança para serem consultados quando necessário, visando a saúde do animal, qualidade de vida e controle de enfermidades (SUAREZ et al., 2011).

Reconhecer a situação real do próprio animal auxilia na assiduidade dos tutores às prescrições (CAIRNS-HAYLOR; FORDYCE, 2017). Estudos realizados com cães obesos, demonstraram que a obesidade é muitas vezes subestimada pelo tutor, uma vez que não reconhecem o excesso de peso de seu animal ou não compreendem os riscos da obesidade à saúde do paciente acometido. Além disso, é um achado secundário das consultas pois, de forma rara é a queixa principal do atendimento (COLLIARD, 2006; COURCIER et al., 2010; CAIRNS-HAYLOR; FORDYCE, 2017). Pelo fato do tutor não reconhecer o excesso de peso do seu *pet*, muitos médicos-veterinários encontram barreiras em informar e orientar os tutores.

Isso porque em muitos casos a condição corporal do tutor esta associada à de seu *pet* ou seja, tutores obesos possuem maior chance de terem animais nessa mesma condição (KIENZLE et al., 2012). A dificuldade em se comunicar pode ser atribuída pelo medo de que a abordagem ofenda o tutor e como consequência o motivarem por trocar de profissional (BARTGES et al., 2017; CAIRNS-HAYLOR; FORDYCE, 2017).

A forma correta da realização do programa de perda de peso é baseada no fornecimento de dietas coadjuvantes, cálculos de restrição calórica e estimular a

prática de atividade física (BROOKS et al., 2014). No entanto a falta de adesão do tutor, representa um problema para a perda de peso dos animais. Em estudo realizado por Porsani et al. (2019), a falta de assiduidade dos tutores prejudicou a perda de peso de cães em programa de emagrecimento. Esses muitas vezes forneciam alimentos não prescritos e não realizavam atividade física recomendada. O que pode ser justificado pelo fato de que tutores consideram as restrições alimentares indicadas como forma de sofrimento para seus animais (KIENZLE et al., 1998; LARSEN; VILLAVERDE, 2016). Uma alternativa aos petiscos para enriquecimento da experiência nutricional do animal tornando-a prazerosa, pode ser feita com o fornecimento de brinquedos (BALDWIN et al., 2010).

Muitos tutores não seguem prescrições realizadas pelos profissionais e as modificam muitas vezes sem o prévio conhecimento do veterinário. Onde alterações na quantidade do alimento ou até mesmo introdução de alimentos não prescritos são realizados, como petiscos, sobras de alimentos ou alimentos que julgam serem benéficos (MICHEL et al., 2008; GERMAN et al., 2010).

A modificação de dietas caseiras já foi citada por Halfen et al. (2013). Segundo os autores apesar do tutor ter escolhido esse tipo de alimentação, muitos substituíam e não ofereciam os alimentos prescritos, além de não incluir as suplementações necessárias para este tipo de dieta, prejudicando a saúde do animal por meio de desequilíbrio nutricional.

A falta de adesão a prescrição médica também são relatados em pessoas. Segundo Pontieri e Bachion (2010) e Medeiros e Sá (2011), apesar de reconhecerem a importância do tratamento nutricional aproximadamente 50% dos pacientes humanos com diabetes e doença renal crônica, não realizavam as dietas prescritas. Sendo associados os seguintes fatores para a não adesão: baixa renda,

baixa escolaridade; dificuldade de compreensão de aspectos do tratamento; falta de estímulo familiar, fatores culturais e emocionais (MEDEIROS; SÁ, 2011).

Também já foi relatado que grande parte de erros cometidos em dietas humanas se dá pela imprecisão dos métodos de quantificação de alimento, como por exemplo uso de copos, xícaras e colheres que estimam de forma incorreta a quantidade dos alimentos (HULSHOF et al., 2002). Esta dificuldade também foi encontrada na determinação da quantidade de alimentos para *Pets*. Segundo estudo conduzido por German et al. (2010), foram avaliadas formas de mensuração de alimentos secos extrusados sendo concluído que os participantes erravam as mensurações. Sendo essas superestimadas em 80% dos casos e subestimadas em 18%.

Muitos tutores oferecem alimentos extras a dieta, como guloseimas e sobra de alimentos, com objetivo de fornecer o mesmo prazer que os próprios sentem ao se alimentar (MICHEL et al., 2008). Isso pode ser justificado pela antropomorfização, esquecendo-se do fato de que os cães e gatos são carnívoros (GRANDJEAN, 2006).

Tutores vegetarianos e veganos também tentam transferir essa opção para seus animais. O estudo realizado por Zafalon et al. (2020), analisou as composições de dietas veganas disponíveis no mercado brasileiro e evidenciou que muitos dos nutrientes podem estar em deficiência ou excesso com base nas diretrizes recomendadas pela FEDIAF, como níveis abaixo do recomendado de taurina e proteína para gatos, sendo prejudicial à saúde do animal.

Os comportamentos de tutores de cães acima do peso já foram associados a escolha de alimentos comerciais de menor custo e/ou promoções. Esses tutores também possuíam menor interesse em uma nutrição balanceada e qualidade dos

nutrientes quando comparados a tutores de cães em peso ideal (COURCIER et al., 2010).

De acordo com Butler et al. (2002), a comunicação eficaz com os tutores pode ser benéfica para satisfazer os clientes, aprimorar os negócios e evitar más condutas pois, o tutor deseja que o médico-veterinário seja um bom comunicador e ouvinte. Com base no mesmo estudo, é importante salientar que a compreensão do tutor em relação ao tratamento pode ser reduzida em situações de fragilidade emocional, como em quadros de animais com doenças crônicas com prognóstico desfavorável.

A forma de abordar o tutor contribui para a formação de vínculo entre as partes pois por meio desta, o fortalecimento do relacionamento com os tutores se torna possível, melhorando a comunicação e o sucesso profissional (BUTLER et al., 2002). Por isso é muito importante que a conduta do profissional seja cordial para consigo e com seu animal (RYDER; ROMASCO, 1980).

Com o intuito de compreender o motivo da não realização das prescrições, estudos avaliaram o comportamento do tutor, com base na teoria do comportamento planejado de Ajzen (1998). A teoria consiste em um modelo que visa prever a mudança do comportamento com base na intenção de realizar a mudança comportamental, sendo útil para prever intenções e comportamentos. (CAIRNS-HAYLOR; FORDYCE, 2017; AJZEN, 1998; ROHLF et al., 2010).

De acordo com a teoria, as intenções são influenciadas pelos seguintes fatores: atitudes comportamentais, normas subjetivas e controle comportamental percebido. Atitudes comportamentais referem-se às avaliações negativas ou positivas e facilidade ou dificuldade empregadas em uma determinada ação. Quanto mais positiva e menos dificultosa a ação, maior a força de intenção para

realizá-la. Por exemplo, um tutor pode não realizar de forma adequada a prescrição dietética devido a barreiras como a falta de tempo para se exercitar com o animal ou o custo envolvido na alimentação específica para manejo da obesidade (ROHLF, 2010; CAIRNS-HAYLOR; FORDYCE, 2017).

As normas subjetivas são aquelas baseadas na visão de outras pessoas consideradas importantes em como avaliam o comportamento e apoiam o indivíduo na realização de sua mudança, como exemplo podemos citar o apoio familiar para realização da dieta. Por último, a força das intenções percebidas, são baseadas no grau de controle comportamental do indivíduo, ou seja, está relacionada com a capacidade percebida de se executar o comportamento (AJZEN, 1998).

Um exemplo prático de reforço positivo de comportamento planejado pode ser encontrado na obesidade canina, na qual o conhecimento dos benefícios visualizados na saúde e bem-estar da redução de peso do animal influenciam de forma positiva a intenção do tutor em relação à mudança do comportamento, levando à redução de peso do *pet* (CAIRNS-HAYLOR; FORDYCE, 2017).

Além da teoria do comportamento planejado de Azjen (1998), os seguintes fatores foram associados a não adesão da prescrição de dieta: custo empregado ao alimento; desconfiança sobre a forma do processamento dos alimentos; razões emocionais como a interação e vínculo entre tutor e animal projetadas no oferecimento de petiscos e alimentos extras (MICHEL et al. 2008).

Como alternativa para a melhora da assiduidade dos tutores a prescrições dietéticas, o desenvolvimento de um plano de ação pode ser eficaz devendo o médico-veterinário acompanhá-lo com frequência. Isso porque segundo Cairns-Haylor e Fordyce (2017), grande parte dos tutores se esquecem das informações fornecidas pelo médico veterinário ao longo dos atendimentos. Segundo Kurtz

(2006), no momento da consulta o médico-veterinário após orientar o tutor sobre a prescrição dietética, pode solicitar que o mesmo repita as informações mais importantes que lhe foram passadas, afim de fixar as informações e melhorar a compreensão. Segundo o mesmo estudo, cerca de 30% dos pacientes humanos obtiveram melhor resultado em seus tratamentos após utilizarem este método.

Estudo conduzido por Lenoir et al. (2015), a frequência de atendimentos é fator determinante de sucesso. O apoio contínuo da equipe de saúde pode ajudar a manter a motivação necessária para mudanças no estilo de vida, resultando em maiores chances de sucesso na realização de dietas prescritas (FRUH, 2017).

Segundo estudo clínico realizado por Saker e Remillard (2005), que tinha por objetivo a perda de peso de cães, os retornos periódicos também contribuíram para o sucesso do programa. Isso porque nesse momento as quantidades prescritas eram reajustadas e os tutores eram orientados novamente sobre o programa de emagrecimento.

Além disso, o uso de folhetos e vídeos explicativos, sites informativos confiáveis, acompanhamento telefônico ou por email também foram fatores contribuintes para o sucesso dietético. Esse contato deve ser realizado nos intervalos entre consultas (CAIRNS-HAYLOR; FORDYCE, 2017).

Para que se obtenha sucesso na terapia nutricional, é importante entender que o tutor faz parte do processo de decisão e implementação da dieta. Por este motivo, a comunicação deve ser de “mão dupla” na qual o médico-veterinário deve abordar dados e informações relevantes, como os benefícios empregados na saúde do animal e qualidade de vida, mas também deve ser flexível e levar em consideração as perspectivas do tutor como possíveis dificuldades, insatisfações e de forma conjunta buscar alternativas para cada situação (BALDWIN et al., 2010;

KURTZ, 2006). Uma comunicação otimista que utiliza métodos motivacionais e não é confrontacional apresenta maior sucesso (LENOIR et al, 2015).

É importante que o profissional de saúde tenha conhecimentos profundos no campo da nutrição, para ter segurança ao se comunicar sobre assunto, além de determinar a melhor estratégia a ser tomada (FRUH, 2017). Porém além dos conhecimentos teóricos, o médico-veterinário deve ser capaz de se comunicar adequadamente. A dificuldade de comunicação pode ser justificada pela falta de preparo do profissional durante sua formação (BUTLER et al., 2002).

Nos Estados Unidos, um estudo avaliou estudantes de medicina veterinária. Os alunos informaram que não recebiam treinamento adequado para abordar o tutor e afirmaram não se sentirem à vontade para realizar essa ação (BUTLER et al., 2002). Outro estudo sugere ser necessário o desenvolvimento de programas de comunicação na prática veterinária, devendo ser considerada como uma das competências clínicas essenciais (KURTZ, 2006).

Ao se abordar a necessidade do aprendizado em comunicação muitos profissionais e alunos viam a mesma como um traço de personalidade e que não poderia ser aprendida. Porém com a assistência adequada todas as pessoas conseguem aprender a se comunicar efetivamente, desde que ela não possua condição incapacitante (KURTZ, 2006). Além disso, os médicos-veterinários entrevistados no mesmo estudo acreditavam que com base em sua experiência profissional, não precisariam desenvolver a comunicação pois já a faziam. No entanto, durante o atendimento desses profissionais o tempo reservado para a comunicação não era considerado importante, levando a interrupções no momento de fala do tutor.

Estratégias foram criadas como alternativas para desenvolver e ensinar a comunicação à estudantes e médicos-veterinário como: o uso de simulados de atendimento, vídeos, atividades em grupo e avaliações com *feedback* (KURTZ, 2006).

No Brasil, o Ministério da Educação - Brasil (MEC) no ano de 2019, preconizou que a comunicação faça parte da grade curricular da medicina veterinária desde os primeiros períodos, porém não foram encontrados estudos que abordem a aplicação prática deste fator nas universidades brasileiras.

Por fim, a comunicação entre veterinário e tutor traz diversos benefícios para a saúde do animal e controle de doenças. Além disso, os tutores ficam muito mais satisfeitos e confortáveis quando se sentem ouvidos e são atendidos por pessoas empáticas e cordiais. Neste cenário, a motivação do tutor é aumentada e as chances de serem assíduos a dieta são elevadas (KURTZ, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A assiduidade do tutor às prescrições nutricionais do médico-veterinário depende de abordagem correta, no qual estão inclusas explicações sobre o quadro clínico do animal e da dieta estipulada. A compreensão dos fatores que dificultam a realização da prescrição dietética, auxilia na busca de alternativas para a resolução do problema. A comunicação é fator fundamental que leva ao sucesso do tratamento dietético, não devendo ter sua importância subestimada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação Brasileira da Indústria de produtos para animais de companhia, ABINPET. Mercado pet Brasil, 2018.

AJZEN, I. Models of human social behavior and their application to health.

Psychology and health, v. 13, n. 4, p. 735-739, jul. 1998.

BALDWIN, K.; BARTGES, J.; BUFFINGTON, T et al. AAHA Nutritional assessment guidelines for dogs and cats. **Journal of the American Animal Hospital Association**, v. 46, p. 285-296, aug. 2010.

BARTGES, J; KUSHNER, R. F; MICHEL, E; SALLIS, R. One Health Solutions to Obesity in People and Their Pets. **Journal of Comparative Pathology**, v. 156, n.4, p.326-333, 2017.

BROOKS, D; CHURCHILL, J; FEIN, K; et al. 2014 AAHA weight management guidelines for dogs and cats. **Journal of the American Animal Hospital Association**, v. 50, n. 1, p. 1–11, fev. 2014.

BUTLER, C; WILLIAMS, S; KOLL, S. Perceptions of fourth-year veterinary students regarding emotional support of clients in veterinary practice in the veterinary college curriculum. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 221, n. 3, p. 360-363, aug. 2002.

CAIRNS-HAYLOR, T; FORDYCE, P. Mapping discussion of canine obesity between veterinary surgeons and dog owners: a provisional stud. **The veterinary record**, v. 180, n. 8, p. 149, fev. 2017.

COLLIARD, L.; ANCEL, J.; BENET, J. J.; et al. Risk factors for obesity in dogs in France. **Journal of Nutrition**, v. 136, n. 7, p. 1951–1954, Jul. 2006.

COURCIER, E. A.; THOMSON, R. M; MELLOR, D. J; SAM, P. S. An epidemiological study of environmental factors associated with canine obesity. **Journal of Small Animal Practice**, v. 51, n. 7, p. 362-367, Jul. 2010.

FEDIAF. **Nutritional Guidelines for Complete and Complementary Pet Food for Cats and Dogs**. Brussels: Fédération Européenne de l'Industrie des Aliments pour Animaux Familiers, 2019.

FRUH, S. M. Obesity: Risk factors, complications, and strategies for sustainable long-term weight management. **Journal of the American Association of Nurse Practitioners**, v. 29, n.1, p. 3-14, out. 2017.

GRANDJEAN, D. Tudo o que deve saber sobre o papel dos nutrientes na saúde de cães e gatos. Royal Canin / Aniwa SAS, p. 5, mar. 2006

GERMAN, A. J; HOLDEN, S. L; MASON, S. L; et al. Imprecision when using measuring cups to weigh out extruded dry kibbled food. **Journal of Animal Physiology and Animal Nutrition**, v. 95, n. 3, p. 368-373, out. 2010.

HALFEN, D. P; DECHEN, A; DUARTE, C. N. et al. Adesão e percepção dos proprietários de cães residentes na cidade de São Paulo-SP quanto ao uso de dietas caseiras no manejo nutricional de seus animais de estimação. Anais; Novos desafios da pesquisa em nutrição e produção animal. 2013.

HULSHOF, K. F; BIRÓ, G; OVESEN, L; AMORIM J. A. Selection of methodology to assess food intake. **European journal of clinical nutrition**, v. 56, n. 2, p. 25-32, maio. 2002.

KIENZLE, E; BERGLER, R; MANDERNACH, A. A comparison of the feeding behavior and the human-animal relationship in owners of normal and obese dogs. **The Journal of Nutrition**, v. 128, n. 12, p. 2779-2782, dez. 1998.

KRAFT, W. Geriatrics in canine and feline internal medicine. **European Journal of Medical Research**, v. 21, n. 3, p. 31-41, fev. 1998.

KROLL, F. S. A; CHAMPION, T; LOPES, F; BRUNETTO, M. A; A importância do sódio no manejo nutricional de cães e gatos cardiopatas. **Medvep - Revista Científica de Medicina Veterinária - Pequenos Animais e Animais de Estimação**, v. 8, n.27, p. 608-614, 2010.

KURTZ, S. Teaching and Learning Communication in Veterinary Medicine. **Journal of Veterinary Medical Education**, v. 33, n. 1, p. 11-19, mar. 2006.

LARSEN, J. A; VILLAVERDE, C. Scope of the Problem and Perception by Owners and Veterinarians. **The veterinary clinics of North America**, v.46, n. 5, p. 761-772, set. 2016.

LENOIR, L; MAILLOT, M; GUILBOT, A; RITZ, P. Primary Care Weight Loss Maintenance with Behavioral Nutrition: An Observational Study. *Obesity (Silver Spring, Md.)*, v. 23, n. 9, p.1771- 1777, set. 2015.

MEDEIROS, M. C. W. C; SÁ, M. P. C. Adesão dos portadores de doença renal crônica ao tratamento conservador, v. 12, n. 1, p. 65-72, mar. 2011.

Ministério da Educação- Brasil- CNE/CES n°70/2019, aprovado em 23 de janeiro de 2019 – Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina Veterinária. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=119471-pces070-19-1&category_slug=agosto-2019-pdf&Itemid=30192> . Acesso em: 11 de mar. de 2020, 09:02.

MICHEL, K. E; WILLOUGHBY, K. N; ABOOD, S. K; et al. Attitudes of pet owners toward pet foods and feeding management of cats and dogs. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 233, n. 11, p. 1699-1703, dez. 2008.

NRC. Nutrient Requirements of Dogs and Cats. 1. ed. Washington, D.C.: National Academy Press, 2006.

PIERRI, L.; ZAGO, J.; MENDES, R. Eficácia dos Inquéritos Alimentares na Avaliação do Consumo Alimentar. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 19, n. 2, p. 91–100, 2015.

PONTIERI, F. M; BACHION, M. M. Crenças de pacientes diabéticos acerca da terapia nutricional e sua influência na adesão ao tratamento. **Ciência e saúde coletiva**, v.15, n.1, p. 151-159, jan. 2010

PORSANI, M. H. Y; TEIXEIRA, F. A; AMARAL, A. R; et al. Factors associated with failure of dog's weight loss programmes. **Veterinary medical and science**, v. 00, n. 1, p. 1-7, dez. 2019.

ROHLF, V. I; TOUKHSATI, S; COLEMAN, G. J; BENNETT, P. C. Dog Obesity: Can dog caregivers (owners) feeding and exercise intentions and behaviors be predicted from attitudes?. **Journal of applied animal welfare science**, v. 13, n.3, p. 213-236, jun. 2010.

RYDER, E; ROMASCO, M. Social work service in a veterinary teaching hospital. **Compendium of Continuing Education**, v. 2, n. 3, p. 215–220, 1980.

SAKER, K. E.; REMILLARD, R. L. Performance of a canine weight-loss program in clinical practice. **Veterinary therapeutics : research in applied veterinary medicine**, v. 6, n. 4, p. 291–302, 2005.

SUAREZ, L; PEÑA, C; CARRETÓN, E; et al. Preferences of owners of overweight dogs when buying commercial pet food. **Journal of animal Physiology and Animal Nutrition**, v. 96, n. 4, p. 655-659, aug. 2012.

THOMPSON, A. Ingredients: Where Pet Food Starts. **Elsevier**, v.23, n. 3, p. 127-132, aug. 2008.

WSAVA Nutritional Assessment Guidelines. **Journal of Feline Medicine & Surgery**, v. 13, n. 7, p. 516-525, jul. 2011.

ZAFALON, R. V. A; RISOLIA, L. W; VENDRAMINI, T. H. A; et al. Nutritional inadequacies in commercial vegan foods for dogs and cats, **Plos one**, jan. 2017.